



DL-01

Ses. Esp. 11/04/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial, com a finalidade de fazer a entrega da Comenda Dois de Julho ao jornalista, escritor, empresário e acadêmico Joaci Góes, proposta pela Mesa Diretora.

Convido para compor a Mesa o Sr. Secretário Extraordinário para Assuntos Internacionais e da Agenda Bahia, Fernando Schmidt, representante do governador Jaques Wagner; o Exmº. Sr. ex-Governador do Estado da Bahia Roberto Santos; o Sr. Procurador-Geral de Justiça Wellington César Lima e Silva; o Sr. Secretário de Administração Penitenciária e Ressocialização, Nestor Duarte Neto; a Srª Lídice Góes, esposa do homenageado; o Sr. Cônsul-Geral de Portugal, José Manuel Lomba; o Sr. Presidente da Academia de Letras, Aramis Ribeiro; e o Sr. Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, Walter Pinheiro.

Designo uma Comissão composta pelos deputados Aderbal Fulco Caldas, Maria del Carmen e Paulo Azi para conduzir a este recinto o Sr. Joaci Fonseca de Góes, que será homenageado por esta Casa. (Palmas!)

Gostaria de convidar para compor a Mesa também o secretário do Turismo, Domingos Leonelli.

Convido a todos os presentes para acompanhar agora o Hino Nacional Brasileiro, executado pelo Coral desta Casa Legislativa, sob a regência do maestro Cícero Alves.

(Execução do Hino Nacional.)



5150-III

Ses. Esp. 11/04/13

Or. Marcelo Nilo

Comenda 2 de Julho, ao Jornalista e acadêmico Joaci Góes.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar o deputado Paulo Azi para presidir esta sessão, tendo em vista que irei saudar o homenageado em nome da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa da Bahia.

O Sr. MARCELO NILO:- Meu querido amigo, presidente, neste momento, desta solenidade, deputado Paulo Azi; meu querido secretário extraordinário para Assuntos Internacionais e da Agenda Bahia, Fernando Schmidt, representante do governador Jaques Wagner; meu querido amigo, companheiro, ex-governador da Bahia, Roberto Santos; meu querido procurador-geral de Justiça, Wellington César Lima e Silva; meu querido secretário de Administração Penitenciária e Ressocialização, Nestor Duarte; meu querido secretário de Turismo, Domingos Leonelli; minha querida Sr^a Lídice Góes, esposa do homenageado; Sr. Cônsul Geral de Portugal, José Manoel; Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia, Aramis Ribeiro Costa; Sr. Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, Walter Pinheiro; meu querido homenageado, político, empresário, acadêmico, intelectual, jornalista, Joaci Góes; gostaria de saudar os Srs. Deputados aqui presentes, Aderbal Caldas, Maria del Carmen; nosso decano ex-presidente desta Casa, Reinaldo Braga, minhas amigas, meus amigos, acredito que já utilizei esta tribuna talvez 1.500 vezes, mas, salvo engano, por quatro vezes, fiz um discurso escrito. Fiz questão de preparar este pronunciamento, este discurso, tendo em vista que Joaci Góes é, sem dúvida nenhuma, uma das figuras mais importantes da política.

Estou nesta Casa há 23 anos, presidente da Assembleia Legislativa por 4 vezes consecutivas, e sempre disse que devo a diversas pessoas, mas a 5 especiais. Primeiro, o saudoso senador Jutahy Magalhães, que me ensinou a manter os compromissos assumidos na política; ao meu querido Roberto Santos, a ser coerente; ao governador Jaques Wagner, a respeitar o contraditório; ao meu saudoso pai, a ser grato e leal; e a Joaci Góes, a ter paciência na vida pública. Esta Casa, neste dia ímpar e especial, entregará a Comenda Dois



de Julho a um companheiro que a Bahia conhece pelos relevantes serviços prestados ao nosso Estado.

(Lê) “O dia 25 de agosto de 1938 foi um dia de festa na Fazenda São Bento, a oito quilômetros da cidade de Ipirá. Nascia o quinto dos sete filhos do casal João de Souza Góes e Dona Mariana Fonseca de Góes.

Não havia médico, nem parteira de ofício. Eram tempos difíceis, naquele sertão onde o menino Joaci Fonseca Góes cresceu, sob o olhar severo do pai, modesto funcionário apontador do DER-BA, antigo Departamento de Estradas de Rodagem.

Tão rigoroso era Seu João com a educação dos filhos, que nem permitia que fossem sozinhos até a cidade, sede do município. Temia que os filhos pequenos fossem seduzidos, por coisas que não tinham no lugar em que moravam.

E pelo menos quanto a Joaci, estava coberto de razão... Era um menino muito ativo, travesso, que aprendeu as primeiras letras com a professora Marisa, até que sua mãe, mulher destemida e determinada, resolveu que estava na hora de sair do então distante interior.

Dona Mariana sonhava com um futuro melhor para os filhos, estudo e boa educação. Isso só seria possível, na época, com a mudança para a capital, para a nossa querida Salvador.

Num belo dia, mais uma vez, ela surpreendeu a todos: embarcou os meninos num velho caminhão GMC, conhecido como "queixo-duro", veículo rústico, com direção pesada, que era conduzido por motoristas homens, e dirigiu 222 quilômetros até Salvador, em estrada de barro estreita e esburacada.

Na capital passaram a residir num sobrado alugado, na Soledade. O menino Joaci foi estudar na escola da professora Ruth, no Matatu de Brotas. Coursou o ginásio e colegial no Severino Vieira e Colégio Central, e logo se destacou pelos embates e discussões dentro e fora das salas de aula. Era um prenúncio da vocação política e de palestrante.

Fez o vestibular para Direito na Universidade Federal da Bahia e antes de colar grau em 1963, liderou um grupo de acadêmicos que foram recebidos na Casa Branca pelo jovem presidente John Kennedy.



Já formado, Joaci começou a trabalhar com o pai, que acabara de fundar a Empresa Construtora Góes, especializada em obras complementares de rodagem, aproveitando os anos de experiência adquirida no DER-BA.

E essa empresa progrediu, em pouco tempo adquiriu a CITA (Companhia Industrial de Terraplenagem e Asfalto), tornando-se mais forte em um mercado bastante competitivo.

Buscando a diversificação os Góes fundaram, em 1968, a Cohabita - Construções e Habitações do Nordeste S/A, dedicando-se construção de habitações na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Brasília.

Por essa época Joaci conheceu e namorou a Dona Lídice, que morava na mesma, no Jardim Boa Vista. Casaram-se em 1965 e tiveram dois filhos: Joaci Fonseca de Góes Filho, hoje executivo das empresas, e Alexandre Ferraz Fonseca de Góes, o Alex Góes, cantor e compositor da nossa terra.

A busca de conhecimentos motivou Joaci a se mudar com a família para os Estados Unidos, onde cursou a Universidade de Stanford, enquanto os filhos completavam o high school.

Se abriam novos cenários à visão do nosso homenageado. Na volta ao Brasil conduziu, com os irmãos, uma arrancada empresarial impressionante criando, dentre outras empresas, a Panorama Hotéis e Turismo, numa época que a atividade turística apenas engatinhava em nosso estado.

O grupo anexou o *Jornal Tribuna da Bahia* em 1975. Um ano depois consolidava sua atividade no ramo imobiliário através da aquisição da Coroa Vermelha Imobiliária, em Porto Seguro, onde mais tarde iria fundar a FACDESCO - Faculdades do Descobrimento.

As atividades na área educacional, sem fins lucrativos, expressam sua compreensão do significado da educação para o desenvolver das pessoas.

Em 1985 a Góes Cohabita passa a investir na área da mineração adquirindo a Pedreira Engenho Velho, em Ilhéus. Nos anos seguintes adquire a Pedreira Carangi, a Fermisa Mineração e as duas maiores cerâmicas da América Latina.



Em 1989 incorpora o Shopping Center Riomar, em Aracaju e em seguida passa a atuar na área financeira com a aquisição do banco Agrimisa, que detinha 24 agências em todo o País.

A consolidação do grupo empresarial se deu com a aquisição da *Tv Aratu* e da *Radio Aratu*, líderes na área da comunicação, mas a vocação humanista de Joaci se revelava com o início das atividades da Fundação João de Souza Goes, sem fins lucrativos, com o objetivo de capacitar pessoal em tecnologia e recursos humanos.

Essa grande atividade empresarial deixou marcas na sociedade, na economia, e na paisagem urbana de Salvador e de outras capitais do Brasil. Um exemplo, bem próximo, é o prédio do Centro de Exposições, a nossa balança do CAB.

Outras obras importantes realizadas pela empresa são o complexo viário Acesso Norte, o viaduto da Avenida Reis Católicos e edificações como a Casa do Comércio, compondo o empreendimento Centro Empresarial Metropolitano, que resultou no deslocamento do antigo centro empresarial da nossa capital.

Podemos dizer, sem medo de errar, que Joaci Góes e a Góes Cohabita estiveram presentes nas edificações que mudaram, para melhor, a paisagem urbana de Salvador nas últimas décadas.

Edificações que interferiram diretamente no planejamento da cidade através da construção do Centro Executivo, onde estão localizados a Advocacia Geral da União e o Ministério Público Federal, e também com o desenvolvimento dos bairros de imbuí e patamares.

Um pouco mais além, na região que ele próprio denominou de Litoral Norte, foi o pioneiro da grande maioria dos empreendimentos entre Arembepe e a Praia do Forte. Atualmente Joaci lidera o Grupo EletroGóes, com usinas de energia sediadas no estado de Rondônia.

Diante de tão vasto currículo empresarial se pode calcular o quanto o nosso homenageando contribuiu para o progresso e desenvolvimento da Bahia. Quantos empregos possibilitou, quantas oportunidades de formação profissional e de crescimento da nossa economia...



Realizado como empreendedor, Joaci passou a prestar mais atenção aos insistentes estímulos de amigos e resolveu entrar para o mundo político. Em 1986 candidatou-se a Deputado Federal pelo PMDB e foi eleito com expressiva votação. Logo seria coordenador da bancada federal do partido e passaria a presidir a Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias.

Foi relator do Código de Defesa do Consumidor e autor do artigo 165, parágrafo 7 da Constituição, que trata da distribuição de recursos orçamentários da União, proporcionais a população regional.

Candidatou-se ao Senado pelo PSDB em 1990. Era natural que tanta experiência acumulada fosse repassada para o maior número possível de pessoas, e assim Joaci Góes passou a atuar como palestrante e conferencista, expondo seu conhecimento para variadas plateias, por todo o País.

Hoje é articulista, comentarista de grande audiência na Radio Metrópole, um homem de opiniões firmes e destemidas.

Consultor, membro e participante de várias associações, Joaci Góes é autor de importantes títulos, editados a partir de 2001: A Inveja Nossa de Cada Dia, A Anatomia do ódio, A Força da Vocação no Desenvolvimento das Pessoas e dos Povos e agora esta lançando mais um livro, intitulado; As 50 Personalidades Mais Marcantes do Brasil.

Sua produção literária recebeu importante homenagem quando, recentemente, em auditório lotado por procuradores, juizes, professores e juristas, o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Carlos Ayres Brito, confessou ser, além de admirador pessoal, leitor assíduo de seus artigos e livros.

E é a esse pai de família zeloso, empresário bem sucedido, intelectual, escritor e sobretudo a esse grande humanista que rendemos hoje uma justa homenagem.

Homenageamos, senhoras e senhores, a um baiano cuja trajetória de vida é admirada por várias gerações: quem não sabia da história de Joaci Góes hoje ouve seus comentários, lê seus artigos e suas publicações.

Joaci Fonseca Góes, senhoras e senhores, é um homem decidido.



Conheci Joaci Góes pela primeira vez, pessoalmente, em 1986, na cidade de Euclides da Cunha, durante uma campanha eleitoral do candidato a governador Waldir Pires. Naquele momento, eu conheci uma pessoa que jamais imaginei que 27, 28 anos depois seria um grande amigo e, sem dúvida nenhuma, um grande conselheiro. Joaci Góes é uma das pessoas ricas da Bahia em termos de cultura, jornalista, escritor, acadêmico, empresário, intelectual, político, radialista e amigo do povo do nosso Estado.

Esta Casa, Joaci Góes, professor Roberto Santos, é muito rígida na concessão da Medalha 2 de Julho, porque ela é a marca da independência da nossa Bahia. Esta Casa é a verdadeira Casa do povo, é a Casa do contraditório, é a Casa da proporcionalidade, é a Casa aberta a todos os movimentos sociais da Bahia. Lembro-me muito bem, quando fui eleito, por uma deferência dos meus pares, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, que recebi um abraço e um conselho de Joaci Góes: “Exerça o seu papel, sabendo que ele é provisório e que estará a serviço do povo da Bahia.” São seis anos presidindo o Poder Legislativo baiano, sempre procurando ser respeitado pela sociedade baiana.

Fizemos, com o apoio dos pares, professor Roberto Santos, Dr. Walter Pinheiro, com o apoio da mídia e da imprensa da Bahia, uma verdadeira Casa para receber todos os movimentos sociais da Bahia. Aqui, recebemos os negros, as mulheres, os homossexuais, os índios, o Movimento dos Sem Terra, os empresários, os servidores, todos aqueles que queriam ter visibilidade para a sociedade baiana procuravam a Casa do Poder Legislativo baiano.

Fizemos também, com o apoio dos 63 parlamentares, a Casa da cultura. Foram 103 livros editados e reeditados de pessoas que fizeram a história da Bahia. Porque a Bahia não é apenas a Bahia de Mangabeira, Jorge Amado, Castro Alves, Anísio Teixeira, Jaques Wagner, Roberto Santos e Antônio Carlos Magalhães. É também a Bahia da Mulher de Roxo, de Horácio de Matos, de Clarindo Silva, de Juliano Moreira, que era um negro e, aos 17 anos, passou no vestibular, disputou a cadeira de catedrático para ser professor da universidade e, por ser negro, foi aconselhado a não disputar com os brancos, pois naquela época existia um racismo muito forte na Bahia. Mas ele tirou 10 em todas as matérias. Portanto, é a Bahia de Luiz Vianna, de Ruy Barbosa e das pessoas que fizeram história.



Então, esta é a verdadeira Casa do povo e eu fico muito orgulhoso em estar presidindo esta sessão neste momento ímpar do Poder Legislativo baiano, onde concedemos a medalha a esta figura ilustre, um dos homens mais preparados intelectualmente do nosso Estado. Às vezes as pessoas me perguntam quem é Joaci Góes. É difícil dizer, porque ele tem um currículo tão extenso e é uma pessoa que avançou praticamente em todas as áreas: cultural, empresarial, política e social.

A Assembleia Legislativa neste momento fica feliz em ter prestado esta homenagem, aprovada à unanimidade numa votação secreta. Esta é a Casa das representações partidárias e aqui tem 63 parlamentares e cada um com um objetivo diferente. Sou presidente dos iguais, mas os iguais aqui são muito diferentes. Um defende um partido, outro defende outro, um defende um município e outro defende outro município, um defende uma região e outro defende outra, mas convergem para defenderem os reais interesses do nosso Estado. E esta Casa, que é a casa do povo da Bahia, à unanimidade, presta a homenagem a esta figura ilustre, chamada Joaci Fonseca Góes.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 11/04/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar os dois filhos de Joaci Góes: Joaci Góes Filho e Alex Góes; sua esposa, Lídice Góes, e os netinhos Duda e Dan para juntos entregarmos a Comenda Dois de Julho ao homenageado.

(Palmas)

(O homenageado é agraciado com a comenda Dois de Julho)



5151-III

Ses. Esp. 11/04/13

Or. Joaci Fonseca Góes

Comenda 2 de Julho, ao Jornalista e acadêmico Joaci Góes.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao homenageado, jornalista, escritor, empresário e acadêmico, Joaci Fonseca Góes (Palmas).

O Sr. JOACI FONSECA GÓES:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, deputado Marcelo Nilo; senhor representante do Governador Jaques Wagner, secretário Fernando Schmidt; o sempre e permanente governador da Bahia, Roberto Santos; jovem presidente do Ministério Público, segundo se propala, na Bahia e fora dela, futuro ministro de um dos nossos tribunais superiores; meu fraternalíssimo amigo Nestor Duarte Neto; meu caro Domingos Leonelli, companheiro de tantas lutas; minha querida mulher Lídice; senhor Cônsul de Portugal, José Manuel Lomba; meu caro presidente da Academia de Letras da Bahia, médico exemplar e notável homem de letras, Aramis Ribeiro Costa; meu fraternal amigo Walter Pinheiro, presidente da Associação Baiana de Imprensa; meu caro deputado Paulo Azi, um sobrinho afetivo, de tal modo eram profundas as minhas ligações com seu saudoso pai, Jairo Azi, além das semelhanças físicas; minha senhoras, meus senhores, eu vejo tanta gente notável e querida à minha frente que agora eu compreendo um pouco as dificuldades do meu pai quando ele recebia alguma homenagem. E por mais que eu o advertisse, antecipadamente, ele terminava cedendo ao desejo de chamar algumas pessoas, mas fatalmente deixaria um número grande de fora.

No caso, há uma singularidade, eu percorri com os olhos as pessoas que aqui se encontravam e percebi para meu agrado que eu conheço a todas elas pelo nome. Portanto, todas elas se sintam apeladas, convocadas neste momento.

Eu estou sentindo, agora, o que deve ter sentido Ruy Barbosa no famoso discurso que ele fez no Politeama quando recebeu uma grande homenagem. Ele começou assim: “Diante disso, depois disso, não sei como principie.”

Fiquei absolutamente surpreendido quando descobri que já tenho um biógrafo na palavra esclarecida e ilustre do nosso presidente Marcelo Nilo, que cometeu, naturalmente, algumas inconfidências, algumas indiscrições, como por exemplo dizer o ano em que eu



nasci. Não precisava, poderia passar por cima disso, porque as pessoas vão dizer assim: também, quando eu chegar nesta idade, já terei feito isso e muito mais.

Mas eu gostaria de dizer ao deputado Marcelo Nilo, já que ele invocou tantos momentos da minha biografia, que aqui há pessoas que testemunharam parte dela. Eu tenho ali um primo Zezito com cujo pai, tio Caseque que morreu aos 107 anos, eu vivi na fazenda São Bento como se fosse meu próprio pai. E o testemunho de meus irmãos, Jacira, Jeferson e Julival que aqui se encontram. E no ginásio eu tive a companhia de Benedito e de Gorgonio, mais tarde, no Central, de Raimundo Pinto. Na faculdade, além da companhia desses amigos queridos, tive o privilégio de ter como professor, que aliás digo sempre aos meus colegas que nós devemos tratá-lo como se fosse uma relíquia, porque dos nossos professores da faculdade só há dois vivos, e um deles, bonito como sempre, inteligente como sempre, participativo como sempre, o meu querido e fraternal amigo, o professor Luíz Viana Neto, que aqui se encontra.

Portanto, não sei onde você andou bebendo essas informações todas, mas todas elas são fidedignas. Sem falar em Antônio Moisés, que ali se encontra, companheiro de vida do Largo dos Paranhos; de José Bahia Sapucaia, que ali está, ele não gosta quando eu diga que ele foi meu pediatra, mas deixa pra lá; meu padrinho de capoeira em 1961 que, hoje, partilha comigo das alegrias de termos os mesmo netos; Lourenço Müller, que ali se encontra. Já fui muito além de onde deveria ter ido, portanto não vou citar Ubaldo Dantas, nem nenhuma dessas pessoas, porque elas vieram bastante tempo depois. Vou ficar, portanto, nesse período da juventude primeira.

Meu caro presidente, recebo esta homenagem com um sentimento de grande Júbilo que emana de três razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque ela parte do Poder Legislativo que é, sem dúvida alguma, o mais importante dos poderes numa sociedade democrática, na medida em que representa a cidadania. Em segundo lugar, porque foi aprovado pela Assembleia Legislativa no momento mais rico da sua história. Sobre isso falaremos um pouco. E finalmente, em terceiro lugar, porque leva o nome Dois de Julho, que é a data maior da nossa independência, momento histórico que encontrou a sua expressão



maior na pena magistral do professor Luís Henrique Dias Tavares que aqui se encontra. (palmas)

Deputado Marcelo Nilo, se V.Ex^a não fosse tão jovem, tendo ainda muito que contribuir em favor da causa pública, melhor seria que V.Ex^a desse por finda a dimensão política da sua vida ao fim de um quarto e inédito biênio como presidente desta Assembleia. Não há precedentes na história de alguém ter ocupado a presidência quatro vezes, particularmente em catéter sucessivo. Esse regozijo se explica através de informações que colhi no site da Assembleia, portanto informações disponíveis para as pessoas. Escutei a opinião de quem pudesse ser contra, e me disseram que todas as informações eram fidedignas. E sob a batuta do deputado Marcelo Nilo, esta Assembleia, como nunca, manifestou a sua independência diante dos outros poderes, particularmente do Executivo.

Para que se tenha uma ideia de como o Legislativo Baiano se habituou a submeter-se aos caprichos do Executivo, desde 1964, portanto quase 50 anos depois, pela primeira vez, o Parlamento estadual baiano derrubou um veto do Executivo. Em segundo lugar, sob o comando de V.Ex^a os projetos de iniciativa do Executivo deixaram de ser o *caesares imperatoris* indiscutíveis, quando cabia à Assembleia mera postura homologatória.

Agora os projetos de origem do Executivo são recebidos, discutidos e aperfeiçoados com a participação de gente do governo e da Oposição, ministro Ângelo Sá. E mais, o Legislativo da Bahia contrariou o Poder Judiciário, que manteve durante duas décadas, por força do seu prestígio, engavetado um projeto de lei destinado a privatizar os cartórios. Por isso, a Bahia ficou na desconfortável posição de ser a única unidade da Federação em que havia cartórios ligados ao Judiciário.

V.Ex^a submeteu essa proposta legislativa à votação, sob relatoria do deputado Zé Raimundo, obtendo votos vencedores.

E a Assembleia Legislativa também criou um roteiro próprio para a indicação dos integrantes das Cortes de contas, que antes eram um domínio exclusivo do Executivo. Hoje, como percebemos pelos meios de comunicação, o protagonismo da Assembleia Legislativa passou a se manifestar como nunca.



Mas não fica aí a operosidade desta Assembleia, que me faz feliz ao receber dela esta Comenda neste instante. No plano do aumento da eficácia e da realização de economias, esta Casa reduziu para as 17 comissões hoje existentes – 10 técnicas e 7 especiais – as 27 anteriores, 21 técnicas e 6 especiais, aumentando a eficiência do Legislativo e diminuindo despesas.

Foi mais longe, procedeu a um trabalho de revisão de todos os contratos mantidos com a Assembleia, obtendo reduções muito expressivas. No item comunicação, por exemplo, as economias atingiram 60%. Não é pouca coisa.

Mais ainda, esta Assembleia passou a se valer dos recursos eletrônicos para se comunicar, inclusive com os seus parlamentares. E no ano passado, 2012, só porque as emendas ao Orçamento deixaram de ser publicadas no Caderno Legislativo, sendo disponibilizadas na Internet, houve uma economia de R\$ 400 mil. Repito, só com essa mudança.

Com as economias obtidas do orçamento regular da Casa, resultaram recursos que permitiram a edificação do Anexo Senador Jutahy Magalhães, com três pavimentos que abrigam a Biblioteca Aloísio da Franca Rocha; o Memorial do Legislativo; a Escola do Legislativo; a Fundação Paulo Jackson; a *TV Assembleia Legislativa* canal 20, que, neste momento, está sob análise do Ministério das Comunicações para se transformar em canal aberto, de modo a permitir ao povo baiano acompanhar o trabalho do seu Legislativo, como hoje já acontece com o povo brasileiro, relativamente às duas Casas do Congresso Nacional, tanto a Fundação Paulo Jackson quanto a TV criadas na administração de V.Ex^a.

Do ponto de vista da comunicação com a cidadania, como nunca esta Casa se abriu para receber, como V.Ex^a destacou no seu discurso, a manifestação de todos os segmentos, como nós tivemos ocasião de acompanhar pela televisão, durante as duas momentosas greves dos professores e dos policiais. E, como cidadãos, também não há pergunta que seja dirigida à Assembleia hoje que não tenha resposta via internet. E mais ainda, foi criado um gabinete, dentro da Assembleia, para fazer a recepção presencial do cidadão que aqui se dirige, que deixa de ser um pária percorrendo os vazios dos seus corredores, sem saber para quem apelar.



Se formos para o plano da cultura, realmente, aí as gestões de V.Ex^a vencem de goleada. Vejam que em média, até recentemente, esta Assembleia publicava seis livros por ano. Atualmente são dezoito, uma elevação de 300%, já tendo ultrapassado no total mais de 100 títulos, como ele acabou de destacar – 103 –, versando sobre temas de cultura baiana em todos os seus níveis. Realizou esta Assembleia documentários, como um a respeito do grande geógrafo e pensador baiano Milton Santos, morto há pouco mais de dez anos – sem dúvida alguma um dos ícones do nosso mundo cultural. Realizou um outro documentário sobre o SOS São Francisco, que ensejou a reunião de parlamentares dos cinco Estados que são banhados pelas águas do Rio da Unidade Nacional. Fez ainda apoio ao filme dirigido pelo cineasta Tuna Espinheira, Cascalho, baseado no livro do mesmo nome, de 1944, de Herberto Sales, baiano de Lençóis. E editou, ao lado de obras populares, como ele mencionou há pouco, obras de alta cultura, como o próprio Cascalho; como a biografia da Vida de Ruy Barbosa, de Luís Viana Filho; a Longa Viagem, de Guilherme Radel; Tempos Temerários, do avô do nosso secretário Nestor Duarte, ele também, Nestor Duarte nosso professor na Faculdade de Direito na Bahia – meu, de Benedito, de Gorgônio, de Raimundo Pinto e também, certamente, de Antônio Guerra Lima, que está ali abaixo, e tantos outros; o livro de Américo Chagas o Chefe Horácio de Matos; o Liberalismo, de José da Silva Lisboa, o legendário Visconde de Cairu, patrono da cadeira número 7, que tenho a honra de ocupar na Academia de Letras da Bahia. E, muito recentemente, As Sete Portas da Bahia, de um baiano muito ilustre, nascido na Argentina e batizado com o nome de Hector Páride, de Bernabó, o imortal Carybé.

Por tudo isso é de se ver que esta Assembleia, certamente, vive o momento mais alto da sua história. Os deputados que aqui se encontram e que a integram podem ter orgulho de fazer esta afirmação, o que torna notável a conquista do deputado Marcelo Nilo de ter conseguido se reeleger pela quarta vez para presidente da Assembleia, com um detalhe: dos 63 votos, ele obteve 61, com uma ausência e uma abstenção. Li na imprensa que foi ele próprio que se absteve. Li na imprensa.



Deve ser um talento diplomático, porque as dissidências, as divergências políticas são profundas, já que todos sabem que ele, aliado que é do governador Jaques Wagner, merece o respeito dos seus pares porque não mistura as coisas. E assim é que deve ser.

Como o Prof. Roberto Santos, governador da Bahia ao tempo do regime militar, que com sua vocação democrática sempre permitiu que os trabalhos desta Assembleia se processassem com muita liberdade, tanto que havia apenas seis deputados da Oposição e faziam um barulho infernal, parecia que iriam derrubar tudo, e jamais se tomou conhecimento de que ele tivesse adotado uma postura de índole pessoal para atingir esses parlamentares.

E finalmente a questão do nome Dois de Julho. A historiadora Lizir Arcanjo Alves escreveu um livro intitulado “O 2 de julho na Bahia: Antologia Poética”, no qual ela sustenta que no coração dos baianos, no século XIX, só o sentimento de Deus superava o sentimento de orgulho pelo Dois de Julho. A coisa era tão forte que os intelectuais da Bahia tinham a necessidade de escrever alguma coisa de impacto sobre o Dois de Julho, como que para obter a maioria intelectual, fosse em prosa ou em verso.

E ela cita um rosário de nomes, de personalidades exponenciais daquele tempo que produziram textos sobre o Dois de Julho, como: Amélia Rodrigues, Álvaro Reis, Agrário de Menezes, Franklin Dórea, Francisco Diniz, Guilherme Balduino Embiruçu Camacan, Ladislau dos Santos Titara, Junqueira Freire, Xavier Marques.

E Castro Alves não foi exceção. Ele escreveu nada menos do que seis poemas sobre o Dois de Julho, desde os 14 anos, até que finalmente encontrou o tom, minha cara Lygia Jabur Abud. Ele encontrou o tom e declamou a Ode ao Dois de Julho no dia 2 de julho de 1868, em São Paulo, sob aclamação geral.

Aliás, se Castro Alves, que foi o maior poeta da Língua Portuguesa e o maior poeta das Américas, tivesse produzido apenas o que produziu no ano de 1868 só isso já seria suficiente para que ele se afirmasse como o maior poeta brasileiro.

A grande poeta do Brasil da atualidade, Myriam Fraga, que ali se encontra. Ela não gosta de entrar nessas polêmicas, porque sabe que é difícil. Mas, entre dentes, quando as



pessoas criticam Castro Alves, ela vira e diz assim: “Ah! Eu gostaria de ter sido a autora desses versos que estão criticando aí.”

Pois bem, é preciso dizer mais nada para explicar a irresignação dos baianos diante da mudança do nome do nosso aeroporto. Aquilo foi a consequência de uma fraqueza do Congresso Nacional. E o nome tem de voltar ao nome primitivo, até em respeito à memória do ex-deputado Luís Eduardo Magalhães, tragado aos 43 anos, no auge de suas melhores possibilidades. A sua memória não pode continuar sofrendo o questionamento das pessoas inconformadas com a mudança do nome. Poderia ser o nome que fosse. Não se poderia, jamais, retirar aquele nome. Eu tenho certeza de que ele voltará, porque o Congresso Nacional apoiará (palmas) o projeto do deputado federal Luiz Alberto.

Eu não posso deixar de mencionar o que vou relatar. Certa feita, quando eu disse isso, lá no Instituto Histórico e Geográfico, havia um cidadão ilustre sentado na primeira carteira e ele puxou os aplausos. E, neste momento, demorei de vê-lo; mas estou a divisá-lo, ali, no fundo, o ex-desembargador Eduardo Jorge Magalhães, tio de Luís Eduardo, que puxou os aplausos, agora, quando comecei a fazer esta menção. (Palmas)

Por isso, meu caro presidente, minha senhoras, meus senhores, meus amigos, na época do *funk*, na época de ritmos que aparecem e desaparecem com a celeridade de bólides, eu acho não ser demais encerrar essas breves palavras de agradecimento homenageando o Dois de Julho, homenageando esta Assembleia, homenageando a comenda e, sobretudo, homenageando o professor Luís Henrique Dias Tavares.

Esta data é maior, porque a Bahia contribuiu para a vida brasileira. Até hoje, é motivo de meu inconformismo o fato de não ter sido incluída esta data no calendário de feriados nacionais. Recitarei, aqui, modestamente, o poema *Ode ao Dois de Julho* de Castro Alves por ser o poema heroico mais bonito da língua portuguesa.

Eu vejo, ali, o Ivan Barroso, meio português e meio brasileiro. Estou vendo o cônsul ali que tem os seus Camões, Antero de Quental e Fernando Pessoa. Eu tenho o maior respeito por esses poetas portugueses. Mas não tenho nenhuma dúvida de afirmar que o maior de todos os poetas da língua portuguesa foi Antonio Frederico de Castro Alves que,



sobre o evento histórico “Dois de Julho” (palmas), aos 21 anos, compôs o poema como fez tantos outros poemas.

Ele disse essas palavras que peço aos senhores prestar muita atenção. Naturalmente, a maioria aqui já conhece. Porém, quanto aos mais jovens, quem sabe? Talvez não conheçam. Talvez possam achar isso coisa fora de moda. Depois, façam um exercício de mudar uma palavra sequer nestas seis estrofes de oito versos cada uma. São, portanto, 48 versos do poema *Ode ao Dois de Julho*. Disse o poeta:

“Era no Dois de Julho. A pugna imensa

Travara-se nos cerros da Bahia...

O anjo da morte pálido cosia

Uma vasta mortalha em Pirajá.

Neste lençol tão largo, tão extenso,

Como um pedaço roto do infinito

O mundo perguntava erguendo um grito:

Qual dos gigantes morto rolará?!

Debruçados do céu... a noite e os astros

seguiram da peleja o incerto fado/ Era tocha – o fuzil avermelhado/ Era o circo de Roma o vasto chão/ Por palmas o troar da artilharia!/ Por feras os canhões negros rugiam/ Por atletas – dois povos se batiam!/ Enorme anfiteatro era a amplidão./ Não, não eram dois povos que abalavam/ naquele instante o solo ensanguentado!/ Era o porvir em frente do passado./ A liberdade em face à escravidão/ Era a luta das águias e do abutre/ A revolta do pulso contra os ferros/ O pugilato da razão com os erros/ O duelo da treva e do clarão. / No entanto, a luta recrescia indômita/ E as bandeiras como águias eriçadas/ se abismavam com as asas desdobradas / na selva escura da fumaça atroz/ Tonto de espanto/ cego de metralha o arcanjo do triunfo vacilava/ E a glória desgrenhava acalentava o cadáver sangrento dos heróis/ Mas quando a branca estrela matutina/ Surgiu no espaço/ E as brisas forasteiras/ No verde leque das gentis palmeiras/ Foram cantar os hinos do arrebol/ Lá do campo deserto da batalha/ Uma voz se elevou clara e divina/ Eras tu, liberdade peregrina!/ Esposa do porvir, noiva do sol/ Eras tu que com os dedos ensopados/ No sangue dos avós mortos na guerra/



Livre, sagravas a Colúmbia terra/ Sagravas livre a nova geração/ Tu que erguias, subida na pirâmide/ Formadas pelos mortos de Cabrito/ Um pedaço de gládio no infinito/ Um trapo de bandeira na amplidão!

Muito obrigado!

(Palmas. Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 11/04/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido todos os presentes para acompanhar o Hino da Bahia pelo Coral desta Casa e sob a regência do maestro Cícero Alves.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Meu querido amigo Joaci Góes, Srs. Membros da Mesa, antes de encerrar esta sessão, gostaria de registrar, acadêmico Joaci, que enquanto você estava fazendo seu pronunciamento, recebi um telefonema de S.Ex^a o governador Jaques Wagner pedindo que transmitisse a sua alegria, mandando um abraço por esta merecida homenagem do Poder Legislativo baiano.

Nós, parlamentares, consideramos hoje um dia histórico para o Poder Legislativo. Eu sei do orgulho dos filhos, dos netos, dos irmãos, da esposa, dos amigos de Joaci Góes nesta tarde no Poder Legislativo baiano.

Esta para mim é uma alegria que vai ficar marcada no meu currículo de emoções. Há 40 anos, saí do interior e jamais imaginei sentar por quatro vezes consecutivas na Presidência do Poder Legislativo baiano.

Morei em pensionato, estudei em escola pública, e, muitas vezes, as emoções cada vez na minha vida me levam sempre a acreditar que o cidadão, a cidadã têm que ter determinação nos seus reais objetivos.

Larguei minha vida privada, de engenheiro civil que entrou na Embasa como estagiário e que saiu como presidente para me dedicar à vida pública. Foram várias emoções, Joaci, quando sentei na cadeira de deputado estadual pela primeira vez, quando sentei na cadeira de presidente deste Poder, quando sentei na cadeira de governador em substituição ao governador Jaques Wagner, quando fui o deputado estadual mais bem votado na Bahia. Mas hoje, para mim, com as palavras do político, do jornalista e do amigo Joaci Góes, este dia entra para o dia das minhas emoções, porque considero Joaci Góes, sem dúvida nenhuma,



um dos grandes oradores do nosso Estado, que tem uma memória invejável, um determinado em todas as áreas em que atuou, sempre com o objetivo de fazer o melhor.

Portanto, meu querido Joaci Góes, quero ratificar as suas palavras em apoio à volta do nome do Aeroporto Dois de Julho.(Palmas!) Quero dizer que nesta Casa, mesmo sendo um deputado de oposição - aliás, sou o único deputado na história da Bahia que ficou 16 anos na Oposição -, votei favoravelmente a que este prédio deste Poder tivesse, como tem hoje, o nome do saudoso Luís Eduardo Magalhães. Também como deputado opositorista, votei para a criação do município Luís Eduardo Magalhães, substituindo o nome de Mimoso - aliás, é hoje um dos municípios que mais crescem no Brasil e, sem dúvida nenhuma, o que mais cresceu em nosso Estado.

Mas pessoalmente - não posso falar em nome dos pares, falo como deputado estadual, cidadão baiano e presidente da Assembleia - acho que, para homenagear o saudoso Luís Eduardo Magalhães, seria com a volta do nome Dois de Julho. Porque o Dois de Julho, na minha visão, não é a independência da Bahia, mas sim a independência do Brasil. Aqui é onde conquistamos a independência do nosso País. Aqui é onde temos esta data como a mais importante do Estado da Bahia, o Dois de Julho, o dia da luta, da liberdade!

A Bahia vive neste momento um estado democrático, com um governo republicano, e a Assembleia Legislativa vive um momento ímpar, com uma Oposição muito aguerrida e a base do governo muito consolidada, cada um cumprindo o seu papel, e o principal é defender os reais interesses do nosso Estado.

Mas este momento que vive a Bahia é também o da pior seca dos últimos 65 anos. Aliás, um amigo meu me disse que esta é a pior seca desde o descobrimento do Brasil! Uma situação terrível no semiárido baiano! Porém, graças aos esforços dos governos estadual e federal, tem sido minorado o sofrimento do povo, com esta Casa sempre ao lado, principalmente dos mais humildes.

Portanto, deputado Joaci Góes, esta Assembleia vive um momento ímpar, especial, no qual nós lhe prestamos esta homenagem, à unanimidade do povo da Bahia porque os 63 parlamentares representam a sociedade do nosso Estado, com a entrega da medalha, da Comenda Dois de Julho ao senhor, este amigo, este companheiro!



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Está encerrada a sessão. (Palmas!)